

A PORTA E O LIMIAR DO RITO NA SACRALIZAÇÃO DAS CRENÇAS*

MITIDIERO, Marilda Batista**

Introdução

O presente artigo inicia-se com os conceitos de espaço, lugar, território, territorialidade, rito, para depois abordar o limiar da porta, uma vez que os cultos acontecem em espaços sagrados no contexto de territorialidade.

O estudo aborda a entrada do crente em um lugar sagrado através do portal, uma vez que ao ultrapassar esse limiar, os ritos têm significados profundos, podendo assumir características de mistério.

A sacralidade da passagem e da porta assume todo o seu valor quando se trata do templo, razão pela qual se colocavam à entrada dos edifícios sagrados guardas do limiar; imagens divinas como: os anjos, por exemplo, bem como, estátuas de arqueiros, de dragões, de leões ou esfinges.

Espaço

A ideia de espaço está baseada exclusivamente no ser humano, pois só haverá espaço a partir da criação e de uma estruturação mental de um território vivido, ou seja, um mapa criado a partir de uma experiência. Callai (1999, p. 23) argumenta que:

O espaço é o palco onde acontecem os fatos, mas também ao mesmo tempo resultado da vida dos homens, das lutas sociais, dos interesses econômicos e políticos. E assim eles se tornam um dado a mais na definição de como as coisas podem acontecer, interferindo nas dinâmicas sociais, colocando limites, ou favorecendo situações.

Para Callai (1999), a noção de espaço é imprescindível para entender a dinâmica da sociedade, até mesmo para que as ações exógenas sejam calcadas num respeito a essa construção social, endógena. Cabe às coletividades compreender o seu papel e assim conseguir se resolver a partir dos atributos culturais espacialmente instalados na comunidade. As lutas, os movimentos sociais e as diversas ações consideradas importantes nos campos da

* A presente pesquisa foi realizada na disciplina – O sagrado no contexto de territorialidade do Mestrado em desenvolvimento Local – UCDB – 2009.

** Pedagoga, historiadora, especialista em Ciências Sociais e mestre em Desenvolvimento Local pela UCDB.

política, educação, cultura e intelectualidade auxiliam as sociedades, cada uma de forma peculiar a gerar a sua noção de espaço.

O ser humano se expressa de acordo com as suas emoções e desejos e organiza-se por conta dos interesses pessoais ou coletivos e se comunica por uma necessidade de interação. Esse processo possibilita ao ser humano uma construção espacial sobre as suas práticas. Santos (1999, p. 51) afirma que o “espaço é um conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações, não consideradas isoladamente”.

O espaço pode ainda ser entendido de três formas, de acordo com Santos (1994, p. 15):

Em primeiro lugar, o espaço pode ser visto num sentido absoluto, como uma coisa em si, com existência específica, determinada de maneira única. [...] Em segundo lugar, há o espaço relativo, que se põem em relevo as relações entre objetos e que existe somente pelo fato de esses objetos existirem e estarem em relação, uns com os outros. [...] Em terceiro lugar, há o espaço relacional, onde o espaço é percebido como conteúdo e representado no interior de si mesmo.

O espaço aparece como produção espacial que se realiza no plano do cotidiano e também nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar. Tudo o que ocorre tem a necessidade de acontecer numa objetividade concreta, por meio da qual o sujeito se situa. “É o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p. 29). O espaço é imprescindível para se entender a dinâmica da sociedade, até mesmo para que as ações exógenas sejam calcadas no respeito a essa construção social, endógena.

Raffestin (1993) alega também que, pela falta de critério, espaço e território foram confundidos durante algum tempo, entretanto, são termos diferentes, contudo existem distinções úteis e necessárias. Segundo Raffestin (1993, p. 143-144):

O espaço é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar. [...] O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.

Nessa perspectiva, o espaço é anterior à ação, um local de possibilidades, realidade material anterior ao conhecimento e à prática desse espaço será objeto do momento em que um ator manifesta intenção de se apoderar dele. O território se apoia no espaço, tanto por conta da produção, a partir do espaço, como por causa das relações que envolvem e se inscrevem num campo de poder (RAFFESTIN, 1993). Assim, o espaço sempre é ocupado e utilizado pelo lugar.

Lugar

O lugar é visto como espaço vivido com qual se estabelecem laços afetivos.

Le Bourlegat (2006) faz a junção entre espaço e lugar afirmando que “o lugar torna-se o espaço de relações entre os diferentes, pois nele se dá o encontro físico e a interação entre indivíduos de diversas temporalidades”.

Segundo a autora, é nesses espaços vividos, onde se amplia a ação comunicativa que se dá o diálogo entre os diferentes em cada instante vivido. É o lugar onde o estrangeiro traz consigo uma temporalidade vivida, de modo que esse lugar proporciona a interação de diferentes tempos sociais, com oportunidades de aprendizagem e inovação. Olhando o sujeito com o qual se podem trocar experiências numa relação interativa, intercultural e dialógica entre sujeitos. Essa troca de experiência implica interagir com o diferente na sua subjetividade e aprender com ele.

Le Bourlegat (2006) afirma que:

Nesse caso, o lugar se apresenta como um mundo individual e particular de quem nele vive e compartilha a vida com outros. Cada lugar é um mundo de existência coletiva e nele se manifesta todas as dimensões da vida (espaço multidimensional). O lugar é espaço percebido pela inteligência intuitiva e colorido por sentimentos nutridos pelos indivíduos e coisas que dele fazem parte.

O lugar é uma base de convivência social, é um conjunto de práticas cotidianas com base nas relações primárias, na coesão gregária e na comunhão e identificação pelas de identidades. É uma construção constante da cultura por meio de um sistema de ações espacialmente localizadas e recriadas constantemente. “O lugar é responsável, através das ações comunicativas pelas mais diversas manifestações de espontaneidade e de criatividade” (SANTOS, 1999, p. 258).

Conforme Lastres e Cassiolato (2005, p. 15) “[...] o local tem sido identificado com a ideia de lugar”. Geograficamente, o lugar pode ser definido como um pedaço do espaço, onde as pessoas habitam conjuntamente. Associando-se a ideia de localidade, o lugar é tido como cenário físico da atividade social, com uma localização geográfica determinada.

O conceito de lugar pode ser visto a partir da complementaridade de outras três dimensões: a) sob a ótica mais econômica, espaço de realização de atividades técnico-científicas, produtivas, comerciais, financeiras e correlatas que podem operar também em uma escala mais ampla; b) de uma perspectiva micro-sociológica, como espaço rotineiro de interação social, e macro-sociológica como espaço de conformação de estruturas sociais; c) do ponto de vista antropológico e cultural, corresponde a um sentido de lugar, através da identificação do sujeito com o espaço habitado.

O lugar é o ambiente das relações humanas, das práticas e convivências cotidianas com significado e sentido a partir da realidade material e ligação emocional aos objetos. O lugar é onde a vida se desenvolve em todas as suas dimensões, sendo que a ordem interna construída no lugar, tecida pela história e pela cultura, produz a identidade.

O lugar é o plano vivido, é a escala territorial possível de ser percebida, conhecida e reconhecida, pelo uso direto dos sentidos do corpo físico. Pode ser a rua, a praça, o condomínio, o lugar rural, desde que possibilite o encontro coletivo e relações de afetividade.

O lugar além de espaço percebido é também espaço sentido e este sentimento é fundamental para estabelecer uma verdadeira relação de respeito e compromisso (no sentido ecológico) com o meio social e natural. Pertencimento a um lugar é um sentimento tão indispensável à pessoa quanto pertencer a uma família ou grupo social. Trata-se, pois de um sentimento em duplo sentido, já que a pessoa tanto se sente pertencente a um determinado lugar quanto o toma como seu. Ao longo da vida, as pessoas tomam para si elementos do espaço que adquirem algum significado em suas vidas. A escola, uma esquina, um riacho, uma casa, uma árvore entre tantos outros objetos espaciais, podem ser referências importantes, especiais, para toda a existência de uma pessoa. O que torna o espaço um lugar é, essencialmente, a emoção e o simbólico, que o referenciam na existência humana (TUAN, 1976, p. 3).

Há lugares conectados em um círculo, onde formam rede de lugares numa unidade espacial. O lugar nesse caso está isolado, mas selecionado para integrar a rede, em função da virtualidade que possui para o fim a que se destina esse espaço organizacional. O lugar é reconhecido “por fora” e como ponto integrante do circuito do espaço concebido em rede. Diferentes tempos sociais convergem, permitindo à humanidade planetária construir uma nova consciência de simultaneidade dos acontecimentos. Para agir, as pessoas não precisam sair de casa ou de seu lugar. Pode-se extrair das possibilidades oferecidas pelas situações criadas em âmbito global e oportunidades para serem aproveitadas em seu próprio lugar.

O rito

Os ritos evocam quase sempre acontecimentos sobrenaturais ligados à origem do mundo ou da própria religião. A sua repetição é vivida como uma atualização desses acontecimentos memoráveis. Repetem-se os mesmos gestos ou pronunciam-se as mesmas palavras que em tempos imemoriais uma personagem divina realizou.

Os rituais são testemunhos públicos das crenças de uma dada comunidade, que ao praticá-los não apenas reforça a sua unidade, também os sentimentos de pertença dos seus membros.

O que estabelece o rito é a identidade que, através das manifestações exteriores que congrega a comunidade religiosa (BORDIEU, 1989). Dessa forma, a religião pode ser definida como o conjunto das atitudes e atos pelos quais o homem se prende, se liga ao divino ou manifesta sua dependência em relação a seres invisíveis tidos como sobrenaturais. Tomando-se o vocábulo num sentido mais estrito, pode-se dizer que a religião para os antigos é a reatualização e a ritualização do mito. O rito possui, o poder de suscitar ou, ao menos, de reafirmar o mito.

Identifica-se, portanto que o rito é a praxis do mito, o qual é movido pela ação, rememorando, portanto, o mito que por sua vez comemora o rito. Rememorando os mitos, reatualizando-os, renovando-os por meio de certos rituais, o homem torna-se apto a repetir o que os deuses e os heróis fizeram nas origens, isto é, conhecer os mitos, aprendendo o segredo da origem das coisas.

O desempenho dos rituais é uma parte integral de todas as religiões. Rituais são estilizados e repetitivos e age normalmente quando ocorrem em um determinado tempo e local. Eles quase sempre envolvem o uso de objetos simbólicos, palavras e ações. Por exemplo, ir à igreja aos domingos é uma ritual religioso comum para os cristãos ao redor do mundo e geralmente requer o uso de roupas um pouco diferentes para interagir com os outros de uma forma particular em um local sagrado.

No coração dessa experiência é uma seqüência de atos rituais tradicionais que representam simbolicamente os aspectos da vida, ensinamentos e morte de Jesus. A maioria dos rituais religiosos são realizados em locais especiais e em condições especiais, como em um templo dedicado ou em um local sagrado. Esta é uma intencional separação entre o secular e o sagrado. Ao ser retirado do mundo comum, os atos sagrados são reforçadas para os fiéis.

O ritual religioso reforça os princípios básicos da religião. Por exemplo, a co-participação "do host" na missa católica é uma participação simbólica na última ceia de Jesus e, por extensão, uma afirmação da aceitação de seus ensinamentos. Rituais são muitas vezes repletos de grandes emoções. Os sentimentos exaltados que as pessoas experimentam durante os rituais fornecem um reforço positivo para a continuação delas. Quando as pessoas se sentem bem, reforçam a crença de que sua religião é a correta. Todo esse ritual acontece em um determinado território.

Território e territorialidade

O território é uma reordenação do espaço no qual é atribuída uma identidade territorial aos grupos sociais que se organizam e trocam relações em todos os níveis, inclusive o patrimonial, em que o agente principal pode ser ou não uma instituição pública ou privada. No caso estudado não é uma instituição, mas sim um grupo de indivíduos (comunidade local e escolar) que se insere em um determinado território (SANTOS, 1988).

O território pode ser entendido ainda como a somatória dos sistemas naturais de um determinado país ou uma determinada área, com os fatos construídos pelos homens. “A configuração territorial ou configuração geográfica tem como alicerce sua materialidade, ainda que tenha uma existência social dada pelas relações sociais. Pode-se dizer, pois, que a obra humana vai ao longo da história sendo incorporada pela configuração territorial ou geográfica” (SANTOS, 1988, p.51).

O território é a razão para as relações humanas, o próprio ato de reconhecer o território como seu, o sujeito consegue se perceber enraizado nele, sendo, importante na construção das relações sociais.

Haesbaert (1995) descreve uma visão naturalista do território como fazendo parte do ser humano, como uma raiz na terra. Por outro lado, aponta aspectos da sensibilidade e do sentido humano, moldados pela “natureza” ou pela “paisagem”. Conclui, portanto, nessa que visão:

Sobrevaloriza e praticamente naturaliza uma ligação afetiva, emocional do homem com seu espaço. Cada grupo social profundamente enraizado a um ‘lugar’ ou a uma ‘paisagem’, com a qual particularmente se identifica. (HAESBAERT, 1995, p. 118).

No aporte de Santos (1999, p.19) confirma-se que:

É preciso ver o território como um campo de forças (guerra contínua), como o lugar de exercícios, onde residem as dialéticas e contradições entre o vertical e o horizontal, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos.

Lembra esse autor que o território em si não é um conceito, ele se torna um conceito utilizável para a análise social, quando se considera o momento em que se pensa juntamente com aqueles atores que dele se utilizam.

Desse ângulo, aborda-se a questão do poder, a partir das contribuições de Foucault (1999, p. 21), que o compreende como prática social: “[...] o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação [...] o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força [...]”.

O território, de fato, é muito mais que base para a existência humana. No cotidiano, as pessoas se relacionam e se inter-relacionam, constroem suas moradas (raiz),

transitam, perambulam e sonham, e nenhuma dessas atividades deixa de envolver o território, direto ou indiretamente. Ao longo do tempo, fatos marcantes envolveram objetos e conferiram novo significado, novo valor. Uma árvore, um banco de praça, uma esquina, um muro, um estabelecimento comercial, podem não passar de coisas banais para uns, mas pode ter grande importância para outros. Para estes últimos, aqueles objetos certamente estão relacionados a boas (ou más) lembranças, por isso mesmo não são meros objetos, coisas, são fatos espaciais significativos. Assim é o território, fonte de significados e, por conseguinte, de identidade, em que cada um, ao seu modo demarca seu espaço, além de ser indispensável ao atendimento de inúmeras necessidades humanas de todos que por ali residem ou transitam.

Nesse contexto, o cotidiano deve permear a vivência humana. Heller (1992, p. 17) enfatiza que:

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humana genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais ‘insubstancial’ que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente.

Na atitude de produzir os objetos, as coisas, as ideias, os valores, as normas, símbolos e outros, o indivíduo constrói uma ideia de pertencimento ao lugar em que se insere, por atribuir a ele um sentimento de valor, que dá significado para a sua vida. Pode-se assinalar que a territorialidade é isso, essa troca de relações entre as pessoas e as coisas gerando sentimento de pertencimento, ou no expressar do dito popular estabelecendo raízes.

A territorialidade também é definida como uma estratégia de controle sempre vinculada ao contexto social na qual se insere. É uma estratégia de poder e manutenção independente do tamanho da área a ser dominada ou do caráter meramente quantitativo do agente dominador. A territorialidade deve ser reconhecida, portanto, como uma ação, uma estratégia de controle (ROSENDAHL, 2001).

Preconiza-se, portanto, que o território e a territorialidade inseridos no local tornam-se altamente complexos com múltiplos patamares e significados, onde a comunidade local repleta de culturas: simbolismos, mitos, ritos, danças etc. precisam ter uma interação de solidariedade, colocando o sentimento de pertença em evidência, objetivando uma endogenia para que a comunidade possa ser sustentável.

O limiar da porta sagrada

Os homens modernos têm de reaprender o valor profundo dos gestos. O sinal da cruz feito com água benta não passa, na maioria dos casos, de um gesto maquinal. No entanto, “transpor o limiar”, “passar a porta”, esses gestos aparentemente insignificantes, é muito importante, as vezes cheio de mistério, pois é uma passagem que ao ultrapassar o portal, penetra-se em um lugar sagrado. Daí a existência, nas sociedades tradicionais, de todo o gênero de “ritos de passagem” e, sobretudo, dos ritos de hospitalidade. Transpor uma porta para penetrar, ainda que na habitação mais humilde, constitui algo grave e solene, que se torna um rito. A sacralidade da passagem e da porta assume todo o seu valor quando se trata do templo, razão pela qual se colocavam à entrada dos edifícios sagrados “guardas do limiar”, estátuas de archeiros, de dragões, de leões ou esfinges, personagens semidivinas (HANI, 1988).

Na Bíblia Sagrada, encontram-se várias passagens sobre o limiar da porta, dentre elas desatacam-se:

Esta será conduzida ao limiar da casa paterna, e os habitantes de sua cidade e a apredejarão até que morra, por que cometeu uma infâmia em Israel, prostituindo-se na casa de seu pai. Assim, tirarás o mal do meio de ti (DEUTERONÔMIO 22,21).

Se vires um homem sensato, madruga para ir ter com ele, desgaste o teu pé o limiar de sua porta. (ECLESIÁTICO, 6,36).

O interior do templo, os vestíbulos do átrio, os limiares, as janelas gradeadas e as galerias em volta nos três lados diante dos limiares, eram forradas de madeira, do chão até as janelas, as quais estavam fechadas (EZEQUIEL, 43,8).

Ritos de passagem são celebrações que marcam mudanças de *status* de uma pessoa no seio de sua comunidade. Os ritos de passagem podem ter caráter religioso, por exemplo. Cada religião tem seus ritos, sendo parecidos com de outras religiões, ou não.

Ritos de passagem são aqueles que marcam momentos importantes na vida das pessoas. Os mais comuns são os ligados a nascimentos, mortes, casamentos e formaturas. Os ritos ligados a nascimentos, mortes e casamentos são praticamente monopolizados pelas religiões. Já as formaturas não costumam ser, em si, religiosas, mas frequentemente têm importantes momentos religiosos.

O batismo é um rito de passagem, feito normalmente com água sobre o iniciado através da imersão, efusão ou aspensão. Este rito de iniciação está presente em vários grupos, religiosos: Católicos, Protestantes, Evangélicos, Unicitas, Mormonismo, Adventistas do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová e os Batistas.

O casamento é um dos sete sacramentos. A liturgia pode compreender dois rituais: a missa e o casamento, ou apenas o ritual do casamento. A data e o ritual escolhido são marcados na igreja mediante a apresentação dos documentos requeridos pela Cúria Diocesana. A cerimônia consiste, essencialmente, em três etapas: a entrada do cortejo pela nave (limiar da porta), a liturgia, a saída dos participantes. As orações têm algumas partes tradicionais, mas o ritual romano permite uma grande liberdade de adaptação, complementação e acréscimos à liturgia do matrimônio.

Ao morrer os católicos velam os corpos dos mortos e, além das orações populares que costumam ser feita durante o velório católico, como o Pai Nosso e a Ave Maria, um padre ou ministro leigo das Exequias faz uma celebração para encomendar a vida da pessoa às mãos de Deus. Nesse ritual, há a celebração da passagem do morto à luz do mistério da morte, por meio de orações e da benção do corpo.

As velas, colocadas ao lado do caixão, simbolizam a luz do Cristo ressuscitado, e as flores são a primavera da vida que floresce na eternidade.

O corpo pode ser enterrado ou cremado. No momento do enterro, há a benção do túmulo, cujo objetivo é pedir o acolhimento do corpo pela terra. Depois de enterrado, ocorrem celebrações em memória do morto no sétimo dia, no primeiro mês e no primeiro ano.

Existem rituais para as passagens em todas as religiões e em etnias indígenas e africanas, de forma que a diversidade cultural de cada povo tem seu próprio ritual.

Considerações finais

O estudo sobre o limiar da porta e sacralização de crenças, vincula-se de certa forma a um símbolo místico. Uma vez que o templo representa o Corpo de Cristo, a porta, que é o seu resumo, também deve representar Cristo. Aliás, Ele próprio o disse de uma forma bem clara: “Eu sou a porta por onde entram as ovelhas... Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo” (João, 10, 7-9). A porta da igreja transforma-se efetivamente nesta porta mística e crística pelo rito de consagração, durante o qual o prelado faz uma unção do santo crisma em cada um dos umbrais, dizendo: “Bendita e consagrada seja esta porta... que ela seja uma entrada de salvação e de paz; que seja uma porta de paz, por intercessão d'Aquele que a si mesmo se chamou 'a Porta', Nosso Senhor.

Referências

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALLAI, Helena Copetti. O espaço e a pesquisa em educação. In: CALLAI, Helena Copetti.; ZARTH, Paulo Afonso (orgs.). **Os conceitos de espaço e tempo na pesquisa em educação**. Ijuí: UNIJUI, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Grahal. 1999.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 1992. (Coleção Série – Interpretações da História do Homem. LASTRES. Helena M.M.; CASSIOLATO José Eduardo. **Glossário de arranjos e sistemas produtivos e inovativos locais quinta revisão**. Junho, 2005. Disponível em: <<http://redesist.ie.ufrj.br/glossario1.php>>. Acesso em: 1 fev. 2009.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Territorialidades e dinâmicas sócio-ambientais**, fev-julho de 2006. Notas de aula.

HANI, Jean. **O simbolismo do templo cristão**. Lisboa: Edições 70, 1998.

ROSENDAHL. Zeny. **Espaço e religião**. Uma abordagem geográfica, Rio de Janeiro: UERJ 1996.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: NOBEL, 1988.

SANTOS, Milton. O retorno do território. In: SANTOS, M. et al. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SITE: <http://joaobosco.wordpress.com/2008/02/29/ritos-de-passagem-religião>. Acesso em 10/05/2010.

TUAN, Yi-Fu. **Geografia Humanística**. ANAIS DA ASSOCIAÇÃO DE GEÓGRAFOS AMERICANOS, v. 66, n. 2, junho, 1976.